

## MORTE DE CHICO MENDES

Francisco Mendes foi apenas mais uma das vítimas do verdadeiro holocausto que se está promovendo na Amazônia brasileira. Porém, por ser um líder sindical premiado internacionalmente, comandando um organismo que representa cerca de três mil seringalistas de Xapuri, no Acre, sua morte teve repercussão mundial, provocando uma onda violenta de protestos, dentro e fora do país, exigindo a preservação da Amazônia.

Desde 1970 os governos federais e estaduais da região tem desenvolvido projetos de ocupação da Amazônia, com vistas a preservar seus imensos mananciais de minérios, flora e fauna. A falta de controle, entretanto, na execução destes projetos, tem levado a invasão daquela região por milhares de pessoas buscando este enriquecimento fácil através da derrubada da mata. A poluição das águas, as queimadas e as derrubadas indiscriminadas tem provocado a desertificação de milhares de quilômetros quadrados na região, ameaçando o fim da floresta e consequências climático-biológicas imprevisíveis e gravíssimas.

A omissão do poder público neste caso é o maior causador deste problema. Chico Mendes e seus auxiliares, Raimundo Barros e Júlio, eram apenas alguns entre milhares de sindicalistas, políticos e ecologistas, do Brasil e do Mundo, que advertem e lutam por um controle mais rígido da ocupação da Amazônia. Até a morte de Chico Mendes, pouco ou quase nada haviam conseguido.

Chico Mendes era presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Havia promovido diversas greves e movimentos populares contra a derrubada da mata e a expulsão dos seringueiros e colonos pelos posseiros e grandes proprietários. E foi um de seus muitos inimigos, Darcy Alves da Silva, o autor do crime, alvejando o sindicalista no dia 23 de dezembro de 1988, quando este saía do banho, num chuveiro instalado em seu quintal (prática comum na região). Os protestos mundiais contra este ato de agressão acendeu a discussão a respeito da Amazônia, originando a fundação de institutos de defesa, movimentos e organismos de preservação. A causa ganhou adeptos importantes, como o cantor inglês Sting, parlamentares europeus e norte-americanos, já a muito preocupados com o problema. Por outro lado, as potências estrangeiras suspenderam os créditos para atividades consideradas nocivas ao meio ambiente no Brasil.

Por outro lado, o governo brasileiro e expressivos segmentos nacionais argumentam que a reação internacional está investido de interesses econômicos sobre a região e confirma a supremacia brasileira sobre o território. A criação de um organismo especial para a defesa do ambiente na Amazônia, foi uma das maiores conquistas do movimento, que continua em vigor.

Chico Mendes – Há dez anos ele deu sua vida pela vida da floresta. Valeu a pena?

Cada época produz seus heróis. São pessoas que levantam temas espinhosos, empunham bandeiras e colaboram para melhorar o mundo. No século XX, três homens dessa envergadura enfrentaram as injustiças com uma inusitada forma de luta: a resistência pacífica, teimosa, mas sem violência. Na Índia, Gandhi afrontou os últimos resquícios do colonialismo pregando a desobediência civil sem confrontos armados. Nos Estados Unidos, o líder negro Martin Luther King derrotou o racismo apenas com marchas e discursos inflamados. No Brasil, um seringueiro da Amazônia agarrou-se às árvores para impedir a ação das motosserras. Há mais uma coisa em comum entre esses personagens do que a opção pela paz: os três morreram mártires, assassinados covardemente por opositores. Nos casos de Gandhi e Luther King, porém, a morte não enterrou suas idéias: a História mostrou que estavam no rumo certo. No Brasil, a luta iniciada por Chico Mendes em defesa da floresta e das comunidades extrativistas ainda não terminou. Dez anos depois do assassinato do primeiro mártir da ecologia, o Brasil e

o mundo ainda se perguntam: o sonho de uma Amazônia rica e preservada era uma utopia tropical ou pode um dia virar realidade?

Há dez anos, Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, foi morto a tiros na pequena Xapuri, no Acre, a 188 quilômetros da capital, Rio Branco. A arma usada foi uma espingarda calibre 20, comum entre os caçadores da região. Quem apertou o gatilho foi o jovem Darci Alves Pereira, filho do fazendeiro Darly Alves da Silva, o mandante do crime. “Atirei como quem mata um bicho do mato”, diria mais tarde o rapaz de 19 anos. A família Mendes vivia numa pequena casa de madeira de quatro cômodos. O banheiro ficava no quintal, junto à fossa. Darci e seus jagunços estavam tocados ali, naquele canto escuro, esperando o momento em que Chico saísse para o banho. O sindicalista morreu com uma ducha de chumbo no peito. Antes de perder os sentidos, teve tempo de se arrastar ensangüentado até a entrada do quarto de seus dois filhos, Elenira, de 4 anos, e Sandino, de 2 anos, olhar para sua mulher, Ilzamar, e dizer suas últimas palavras, como quem se desculpa: “Desta vez me acertaram”. Era a sétima emboscada contra o principal defensor da Floresta Amazônica.

**A VOZ DA FLORESTA.** Chico tombou morto no dia 22 de dezembro de 1988, pouco depois do pôr-do-sol, ao lado da mulher, dos filhos e da floresta que havia decidido proteger com a própria vida. Ele acabara de chegar de uma longa viagem ao sul do país. Mesmo sabendo dos fortes boatos de que capangas o aguardavam em Xapuri – e apesar da insistência dos amigos para que não se arriscasse voltando à cidade –, Chico Mendes teve saudade dos filhos e estava decidido a passar o Natal em casa. Nessa última viagem a São Paulo e Rio de Janeiro, o sindicalista havia mais uma vez denunciado as injustiças sofridas pelos seringueiros, vítimas da exploração dos seringalistas e das ameaças constantes dos jagunços. Chico Mendes propunha a transformação dos seringais do Acre em reservas extrativistas que garantissem aos seringueiros, castanheiros e pescadores artesanais uma vida digna, conciliando o desenvolvimento econômico com a preservação da floresta. Nos últimos anos, assumira uma luta quase quixotesca contra buldôzeres, motosserras e queimadas ilegais.

Com 44 anos vividos na floresta, Chico Mendes era seringueiro, líder sindical e ecologista – e nessa ordem. Seringueiro, em primeiro lugar porque era sua profissão: ele tinha seu lote de seringais na floresta, de onde tirava o sustento da família. Como sindicalista, mostrava-se um líder nato. Falava pausadamente, escolhia bem seus argumentos e tinha vocação de articulador, capaz de arrebanhar simpatizantes fora do círculo restrito dos seringais. Sua formação era fruto de um acaso histórico: quando jovem, conhecera um ex-militar brasileiro exilado na floresta boliviana depois da desastrosa Intentona Comunista, de Luiz Carlos Prestes. Aprendeu com esse velho comunista a ler e a escrever discutindo jornais que chegavam com meses de atraso à selva. Por muitos anos, sua única fonte de informação diária eram as ondas curtas das rádios internacionais, como a BBC de Londres e a Central de Moscou. Mesmo isolado no matagal, muitas vezes a três dias de barco do povoado mais próximo, Chico Mendes se mantinha bem informado do que se passava no Brasil e no resto do mundo.

Como sindicalista, filiado ao Partido dos Trabalhadores, levantou sua voz contra a opressão dos seringalistas, grandes proprietários de floresta que mantinham naquele rincão esquecido do Brasil relações de trabalho do início do século. Era uma exploração cruel que, em 1905, horrorizara o escritor Euclides da Cunha. Enviado como jornalista para relatar a demarcação das terras do Acre, que o governo brasileiro havia acabado de comprar da Bolívia, o autor de *Os Sertões* descreveu a vida dos seringueiros como “a mais criminosa organização do trabalho que engendrou o mais desaçamado egoísmo”. Não havia exagero nisso. Na prática, os seringueiros eram escravos dos fazendeiros, graças a um contrato de trabalho que os obrigava a gastar tudo o que ganhavam nos armazéns do patrão, com quem estavam sempre endividados. Além disso, não tinham direitos trabalhistas e, quando ousavam reclamar, muitas vezes acabavam mortos nos mesmos defumadores que usavam para transformar em borracha a siva da *Hevea brasiliensis*, a nossa seringueira.

As palavras de Chico Mendes ecoavam na floresta como uma possibilidade de

redenção aos seringueiros, e umas chegavam aos ouvidos dos fazendeiros como uma declaração de guerra. Em 1988, o ambiente da região lembrava o de um faroeste tropical. Ao longo das décadas de 70 e 80, o governo havia incentivado a ocupação da Amazônia com criações de gado, extração de madeira e lavouras. Muitos seringalistas, falidos com a concorrência externa da borracha, acabaram vendendo suas terras para madeireiras e empresas agrícolas. Desmatamentos e queimadas passaram então a ameaçar a floresta e a sobrevivência dos seringueiros. Famílias eram expulsas de suas terras e o fogo consumia tudo em poucas horas. Antes de Chico Mendes, pelo menos trinta seringueiros que se opuseram ao fazendeiro Darly haviam sido assassinados sem que jamais se provasse quem eram os responsáveis. Para os fazendeiros do Acre, matar seringueiro ou bicho dava no mesmo.

#### FIGURA BONACHONA

Chico Mendes, porém, já não era mais um simples seringueiro ou líder dos desvalidos da floresta. Sua figura meio bonachona, com bigode estilo boliviano, cigarro sempre à boca (a solidão implacável da floresta faz com que os seringueiros busquem conforto no cigarro) e modos pouco refinados, tornara-se em alguns anos símbolo do movimento ecológico mundial. Ele se mostrara um mestre em arrebanhar simpatizantes para sua causa, aproveitando a nova onda ecológica para ganhar espaço na imprensa.

Desde o ano anterior ao da tragédia, vinha ampliando seus protestos em defesa da Floresta Amazônica e colecionando prêmios e homenagens mundo afora. Em 1987, a ONU o escolheu para ser um dos ganhadores do Prêmio Global 500, entregue em Nova York aos que mais se destacaram na defesa do meio ambiente.

Nesse mesmo ano, a Sociedade para um Mundo Melhor, uma fundação com sede também em Nova York, entregou-lhe a Medalha do Meio Ambiente. No Brasil, porém, onde o movimento também engatinhava, Chico era um ilustre desconhecido. Foi preciso sua morte para que a sociedade brasileira percebesse sua importância como primeiro mártir ecológico do mundo.

Foi justamente para impedir que o nome Chico Mendes se tornasse uma referência também entre os brasileiros – e um exemplo para os líderes da região – que os fazendeiros do Acre se reuniram num churrasco, pouco tempo antes do assassinato, para decretar sua morte. A fúria deles foi redobrada depois que Chico comandou, em abril daquele ano, um empate no seringal Cachoeira, de Darly Alves da Silva. O empate é uma tática de luta pacífica inventada pelos seringueiros do Acre para impedir a derrubada da mata. Quando chegavam as motosserras, um cerco humano formado por seringueiros, suas mulheres e filhos impedia o desmatamento. Não era apenas uma defesa apaixonada da Floresta Amazônica para as gerações futuras. Para os seringueiros, da sobrevivência da mata depende a de suas próprias famílias, já que a seringueira precisa da sombra e proteção da floresta para nascer e crescer. Sem a mata os seringais desaparecem.

#### VITÓRIA NA PRESERVAÇÃO

Chico e seu colegas dos sindicatos de Xapuri e da vizinha Brasiléia fizeram 45 empates ao longo de doze anos. Mesmo apanhando de capangas e policiais, e muitas vezes sendo expulsos a balas ou recebendo retaliações violentas, os seringueiros se mostraram persistentes na sua tática, conseguindo sucesso em quinze dessas trincheiras. Mais tarde, a desapropriação dessas áreas beneficiou milhares de seringueiros acreanos, que puderam manter sua fonte de sobrevivência. De propriedade da União e usufruto das populações nativas, as reservas extrativistas representavam o sonho de um futuro melhor na região. Além disso, asseguravam a preservação de parcela importante da Floresta Amazônica, cerca de 1,2 milhão de hectares.

Graças à luta iniciada pelos seringueiros, o Acre é hoje o Estado amazônico que tem o maior índice de áreas protegidas por meio de reservas extrativistas, parques e florestas nacionais e áreas indígenas. São cerca de 5 milhões de hectares, quase um terço do Estado. Um levantamento do Ibama mostra que até 1996, apenas 1,11% da área da Reserva Extrativista Chico Mendes, com área de 929.100 hectares, tinham sido desmatados. Essa pequena parcela representa a área ocupada pelas habitações e

roças de subsistência dos seringueiros. Afinal, o seringal nada mais é do que a floresta com algumas clareiras, onde há geralmente três ou quatro casas de paxiúba, palmeira que cresce nas áreas alagadas dos igapós. O seringueiro vive ali e sangra as *Hevea brasiliensis* que se espalham pela “colocação”, a área onde ele vive e trabalha. Para encontrar outra clareira, anda-se muitas horas por caminhos abertos há dezenas de anos, às vezes, desde o final do século passado.

Mas são os caminhos incertos do futuro que ameaçam os seringais das reservas extrativistas. Os baixos preços da borracha brasileira no mercado internacional, a falta de investimentos em transporte e beneficiamento e a precariedade dos serviços de saúde e educação nas comunidades estão provocando o crescimento da miséria e novas ondas de migração em direção às cidades. Muitos opositores das idéias de Chico Mendes, calados por uma década graças à pressão exercida pelos ambientalistas e políticos, agora retornam seu coro de que as reservas extrativistas são uma utopia fadada ao fracasso.

Em alguns pontos, os críticos têm realmente razão, já que a borracha artesanal brasileira é incapaz de competir com os seringais cultivados na Malásia, onde a produção tem rígido controle de qualidade. Mas isso não é um fato novo. Na verdade, o próprio Chico Mendes já previa essas dificuldades e defendia a necessidade de variar as atividades econômicas e aproveitar melhor os recursos da mais rica floresta do mundo. “A Amazônia não pode se transformar num santuário intocável. Queremos que a floresta seja preservada, mas também queremos que seja economicamente viável”, dizia.

O fato é que a luta de Chico Mendes não foi em vão. A floresta do Acre está preservada e seu discurso contras as injustiças venceu, ainda em que alguns rincões do Acre, como na região do Alto Juruá, os avanços sociais custem a chegar. Na Xapuri de hoje, é difícil imaginar a atmosfera de terror que imperou antes e pouco depois do assassinato de Chico Mendes. A cidade, que tem 13.000 habitantes, é arborizada e o clima à noite, ameno. Também não faltam os tradicionais botecos, onde o papo flui sem dificuldade. Os seringueiros já não são abatidos como bichos do mato. Depois de muitas peripécias legais e três anos foragidos da justiça, Darci e Darly foram condenados a dezenove anos de prisão, que cumprem num presídio de Brasília.

#### HERÓI HOLLYWOODIANO

O Acre e as questões das reservas extrativistas entraram na pauta da sociedade, livros foram publicados a respeito e até Hollywood reconheceu a dimensão heróica de Chico Mendes, comprando os direitos de filmagem da vida do líder ecologista. O mais importante, porém, é que a pregação do primeiro mártir ecológico do mundo foi a base para o surgimento de novas lideranças, que continuam suas idéias e projetos. Por exemplo, a ex-seringueira e atual senadora do Acre, Marina Silva, que defende no Congresso os direitos do Brasil sobre sua biodiversidade. Em outubro deste ano, o engenheiro florestal Jorge Viana, do PT, venceu as eleições para o governo prometendo dar continuidade ao sonho do mártir ecológico. “O Chico lançou as sementes de um projeto que agora começa a dar frutos”, afirma Viana.

Graças à luta iniciada por Chico Mendes, o Acre, é hoje, um lugar melhor para se viver. Ao contrário do que acontecia há uma década, os acreanos já podem discutir seus problemas sem medo. E fazem isso com indisfarçável alegria. O jeito acolhedor deles lembra um pouco o Nordeste brasileiro. E não é de estranhar. O Acre, quando território boliviano, foi ocupado por nordestinos – a maioria cearense, como a própria família de Chico Mendes –, atraída pelo “ouro branco” da borracha. Mas os rostos dessa gente revelam também traços indígenas. Embora muitas aldeias tenham sido invadidas durante a ocupação do território pelos “soldados da borracha”, causando conflitos e muitas mortes, o seringueiro acabou se misturando e incorporando os hábitos dos nossos índios. Principalmente, o amor pela Floresta Amazônica, que hoje inspira a luta para que as reservas extrativistas, da forma como foram sonhadas por Chico Mendes, possam um dia virar realidade.